

## RESENHA

David Naamã Melo de Figueiredo  
<https://orcid.org/0000-0003-2381-1722>  
Programa de Pós-Graduação em Letras  
Universidade Federal de Pernambuco  
david.naama@ufpe.br

Maria Aline Rodrigues Bezerra  
<https://orcid.org/0000-0002-9850-261X>  
Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino  
Universidade Federal de Campina Grande  
aline.bezerra@estudante.ufcg.edu.br

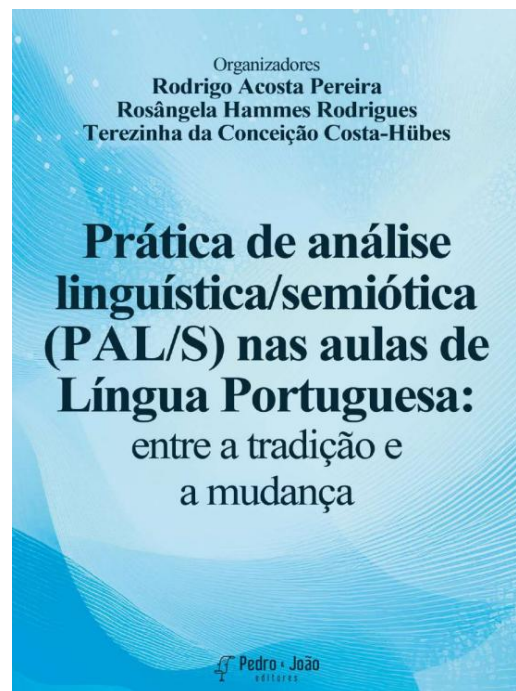
Erick Breno de Jesus Oliveira Silva  
<https://orcid.org/0009-0005-2120-6360>  
Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino  
Universidade Federal de Campina Grande  
erick.breno@estudante.ufcg.edu.br

### Referência:

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; RODRIGUES, Rosângela Hammes; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (orgs.). **Prática de análise linguística/semiótica (PAL/S) nas aulas de língua portuguesa: entre a tradição e a mudança.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

A prática de análise linguística (PAL), desde a década de 1980, tem suscitado discussões em prol de novos endereçamentos para o ensino de Língua Portuguesa. Contudo, as incompreensões teórico-metodológicas que insistem em envolvê-la ainda atuam como principal vetor de impediante para sua fixação, enquanto prática de linguagem, na aula de português. Nesse sentido, com o objetivo de ampliar as reflexões sobre a PAL, surge a obra *Prática de análise linguística/semiótica (PAL/S) nas aulas de Língua Portuguesa: entre a tradição e a mudança*, organizada por Rodrigo Acosta Pereira, Rosângela Hammes Rodrigues e Terezinha da Conceição Costa-Hübes.

Essa obra foi publicada, em 2024, pela Editora Pedro & João, e conta com um entretecer dialógico de vozes de diferentes pesquisadores da área da Linguística Aplicada. Para tanto, no decorrer de dez capítulos, eles revisitam o conceito de prática de análise linguística/semiótica (PAL/S) em função de discursos da tradição e da



mudança, levantam estudos que se debruçam sobre os avanços e retrocessos sobre o tema, assim como relacionam essa prática com diferentes possibilidades de ensino favoráveis à compreensão sobre as formas e usos da linguagem em suas diferentes semioses.

No primeiro capítulo, “A prática de análise linguística/semiótica nas aulas de língua portuguesa: entre a tradição e a mudança”, Rodrigo Acosta Pereira e Terezinha da Conceição Costa-Hübes inauguram as discussões da obra sob o prisma do confronto entre a tradição e a mudança no que concerne à PAL/S nas aulas de língua portuguesa. Para tanto, os autores engendram uma rica reflexão de base dialógica sobre a arena valorativa entre o ensino de língua tradicional e o inovador, bem como promovem uma análise documental a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com foco em habilidades de análise linguística/semiótica para o Ensino Fundamental (Anos Finais). À vista disso, embora haja uma tendência de o discurso da tradição prevalecer na formação de professores, em documentos político-educacionais e materiais didáticos, Acosta Pereira e Costa-Hübes advogam, com propriedade, a favor da compreensão de que o trabalho com a PAL/S, sob uma concepção sociointeracional de linguagem, associa-se a um paradigma inovador, integrando-se à reflexão epilinguística de enunciados tipificados em gêneros do discurso. Nesse caso, tal perspectiva distancia-se dos paradigmas tradicionais subjetivistas e objetivistas, que desejam (e muitas vezes conseguem) minorar o valor social da linguagem, considerando a insistência no seu tratamento sistêmico-formal.

No segundo capítulo, “A prática de análise linguística/semiótica e a relação entre epilinguagem e metalinguagem”, Adriana Mendes Polato e Márcia Mendonça, com clareza e objetividade, direcionam o olhar do leitor para uma reflexão acerca da relação entre a metalinguagem e a epilinguagem em interface à PAL/S. Com esse fito, as autoras se propõem a discutir as especificidades, as interligações e as possibilidades de didatização das atividades epilinguísticas e metalinguísticas, o que é organizado em duas seções. Na primeira, elas realizam uma historicização de tais atividades de linguagem, perpassando por seu nascimento na Linguística, por sua reinterpretação pedagógica (interacional e dialógica), assim como por sua consequente inserção no ensino de línguas no Brasil, o que é discutido sob uma perspectiva crítica. Na segunda, por sua vez, as autoras se encarregam de demonstrar uma realização concreta das referidas atividades a partir de exemplos que poderiam compor uma prática pedagógica produtiva para turmas do Ensino Médio, adotando o conto “Para que ninguém a quisesse”, de Marina Colasanti, como texto-enunciado para a proposta em questão. Assim, Polato e Mendonça enriquecem a obra como um todo, haja vista essa discussão imprescindível em torno da compreensão dos princípios norteadores, intersecções, disjunções e possibilidades de como fazer a PAL/S.

No terceiro capítulo, “A prática de análise linguística em livros didáticos de língua portuguesa: a refração dos discursos que incidem sobre esse conceito e sobre as atividades propostas”, Rosângela Hammes Rodrigues aborda a PAL em livros didáticos de língua portuguesa, tratando, especificamente, da refração dos discursos que incidem sobre esse conceito e as atividades propostas. Para isso, a autora, de forma consistente e aprofundada: i) faz uma retomada do conceito de prática de análise linguística; ii) aborda as forças sociais que atuam na elaboração do livro didático, como o Plano Nacional de Avaliação do Livro e do Material Didático (PNLD) e a BNCC; e iii) questiona as vozes autoritárias do discurso da

tradição sobre o ensino de línguas na escola. Feito isso, em geral, Rodrigues conclui que o embate entre o tradicional, restrito à transmissão de definições e taxonomias, e o da mudança, voltado a ampliação das práticas de linguagem dos estudantes e nas reflexões epi e/ou metalinguísticas, também é reverberado na PAL em livros didáticos, resultado da atuação de forças axiológicas sobre seu processo de produção. Nesse contexto, a autora ainda apresenta um olhar aguçado e crítico ao reconhecer os avanços no ensino de língua portuguesa, mas, ao mesmo tempo, não ignora seus iguais recuos, considerando o reducionismo da PAL quando os materiais didáticos buscam atender às habilidades da BNCC que refletem o discurso dessas forças autoritário-transmissionistas.

No quarto capítulo, intitulado “A prática de análise linguística/semiótica e as pesquisas no Brasil”, os autores Eliane Raupp e Rodrigo Acosta Pereira recorrem a um estudo bibliométrico com a finalidade de estabelecer uma cartografia das pesquisas sobre a PAL/S no Brasil. Desse modo, a partir de um levantamento minucioso de dissertações e teses que discutem sobre essa prática de linguagem, pós-PCN e pós-BNCC, no período de 1998 a 2021, podemos observar o quantitativo de universidades (programas de pós-graduação) e regiões brasileiras que mais (ou menos) têm investido em estudos sobre o tema. Ao se voltarem criticamente para os dados estatísticos, Raupp e Acosta Pereira apontam que ainda há uma longa trajetória a ser percorrida para que a PAL/S se estabeleça como uma atividade que organiza os discursos das nossas ações languageiras.

No quinto capítulo, “Prática de análise linguística nas aulas de língua portuguesa: desafios e possibilidades na formação inicial de professores”, Francieli Matzenbacher Pinton coloca em perspectiva o estudo da PAL/S em cursos de licenciatura, mostrando a compreensão dos licenciandos sobre essa prática da linguagem e como estes procuram recontextualizá-la em atividades didáticas. Com um olhar aguçado, a autora evidencia, nos discursos dos professores em formação, uma linha tênue entre o teórico e o metodológico, dado que esses futuros professores, teoricamente, reconhecem a PAL/S enquanto uma atividade reflexiva sobre o funcionamento da linguagem; todavia, metodologicamente, demonstram dificuldades significativas em desenvolver atividades de análise linguística. À vista desse desafio, Pinton vem ao auxílio dos discentes e docentes e delinea um percurso didático-pedagógico possível para a abordagem da PAL/S em atividades didáticas com foco em gêneros discursivos. Tal percurso engloba quatro principais etapas a serem seguidas, a saber: i) reflexão e análise; ii) seleção e produção; iii) aplicação; iv) avaliação. Ao nosso ver, a partir dos seus encaminhamentos teórico-metodológicos, a autora oferece uma contribuição relevante para a formação docente, ao apontar caminhos concretos para a superação das lacunas entre teoria e prática no ensino de língua portuguesa.

No sexto capítulo, nomeado “Prática de análise linguística/semiótica da oralidade: uma proposta de escuta com o gênero anúncio publicitário”, Tânia Guedes Magalhães, Natália Sathler Sigiliano e Andreia Rezende Garcia-Reis propõem uma articulação didático-pedagógica entre práticas de oralidade e análise linguística/semiótica. Tomando como base contextos de pesquisas os quais mostram que os métodos de ensino adotados para a PAL/S ainda estão arraigados em uma perspectiva tradicional da gramática, as autoras inovam ao apresentarem uma proposta pedagógica de escuta ativa a partir do gênero oral anúncio publicitário. Sendo assim, no decorrer do texto, Magalhães, Sigiliano e Garcia-Reis sustentam com precisão a

necessidade de os professores se debruçarem sobre a relação entre oralidade e PAL/S, expondo como os elementos conceituais entre essas práticas estão entrelaçados e como a pedagogia da escuta favorece uma análise reflexiva do texto oral, realçando, assim, os seus aspectos linguísticos e semióticos.

No sétimo capítulo, “Prática de análise linguística/semiótica no processo de leitura”, Márcia Adriana Dias Kraemer coloca em foco a relação entre práticas de leitura e análise linguística, problematizando em que medida a PAL/S contribui para o processo de construção de sentidos durante a leitura. Desse modo, ao buscar respaldo nos postulados do Círculo de Bakhtin, a autora se dedica em uma análise minuciosa do meme “Vacina Cascavel 27 Anos” com o intuito de destacar a dimensão contextual (horizonte cronotópico, temático e axiológico) e a dimensão orgânica linguístico-semiótica (tema, construção composicional e estilo) que permeiam a composição enunciativa do gênero. Por meio da exploração dos recursos multissemióticos utilizados no texto, Kraemer nos ajuda a compreender como a PAL/S se efetiva enquanto importante contribuinte para o desenvolvimento da nossa competência leitora, uma vez que essa prática proporciona uma atividade que estimula a reflexão, a criticidade e a apropriação de conhecimentos e de saberes, provenientes da interação discursiva/dialógica dos textos que estão à nossa volta.

No oitavo capítulo, “Articulações possíveis entre a prática de análise linguística e a prática de produção textual”, Terezinha da Conceição Costa-Hübes e Rodrigo Acosta Pereira rememoram, inicialmente, o que João Wanderley Geraldi defendeu como prática de produção textual (PPT), sobretudo, a partir de suas obras de 1984 e 1991, entendida como uma prática real de linguagem. A partir disso, os autores recuperam a relação que Geraldi (1984; 1991) estabeleceu entre a PPT e a PAL, chamando atenção para o fato de que um trabalho de escrita exige, tanto do sujeito-aluno quanto do sujeito-professor, muitas idas e vindas ao texto produzido, de forma a propiciar um exercício de releitura, revisão e reflexão sobre as escolhas linguísticas-discursivas-semióticas nele empregadas. Esse é um cenário que possibilitaria, conforme os autores, um trabalho de reflexão sobre os usos da linguagem na sua relação com a situação de interação. Buscando traçar um possível encaminhamento metodológico para promover essa relação, Costa-Hübes e Acosta Pereira apresentam, por fim, uma proposta pedagógica para o trabalho com a PAL em atividades de revisão e reescrita, em que o texto do aluno é tomado como ponto de partida e de chegada para um ensino de língua portuguesa mais significativo e contextualizado. Dessa forma, ainda sob a égide da PAL de base dialógica, os autores oferecem uma alternativa pedagógica profícua para docentes que buscam integrar a PAL à PPT ou vice-versa.

No capítulo nono, sob o título “A prática de análise linguística/semiótica nos anos iniciais: no entrelaçar com a experiência literária”, Fabiana Giovani centra suas discussões na relação da PAL com a leitura literária, defendendo que a literatura pode constituir campo fértil para o posicionamento crítico e reflexivo do educando, quando trabalhada adequadamente no contexto escolar. Ao reconhecer as limitações de carácter prático - muitas vezes, também marcadas por contradições - que permeiam as orientações propostas pela BNCC para a ação docente, no que diz respeito ao olhar analítico e reflexivo sobre esses dois temas de estudo (PAL e literatura), a autora discute como a PAL/S pode ser integralizada aos textos literários, por meio da comparação e da análise de diferentes formas de dizer “a mesma coisa” e de seus

efeitos de sentido. Nessa perspectiva, ganha destaque a análise de um texto escrito por um estudante dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, após o seu diálogo com a narrativa “Fita verde no cabelo”, de João Guimarães Rosa, em que se observa a mobilização de diferentes recursos expressivos para tratar do mesmo tema (a morte). Vê-se, dessa maneira, uma discussão bastante produtiva, a partir de um exemplar de texto concreto, de como a experiência literária pode ser incluída produtivamente nos estudos linguísticos.

Já no décimo e último capítulo do livro, “Em busca de mudanças: caminhos didáticos para a prática de análise linguística/semiótica integrada ao gênero discursivo convite de casamento”, Mariangela Garcia Lunardelli se propõe a fazer uma reflexão sobre os caminhos didáticos para o ensino da PAL/S de base dialógica, ancorada nos estudos dos gêneros discursivos e nos fundamentos da pedagogia crítica. Dessa forma, o foco da reflexão volta-se para a articulação entre estudos da linguagem, prática discursiva e transformação social, contrapondo-se ao modelo de educação hegemônico preconizado frequentemente por documentos curriculares, entre eles, a BNCC. Como parte das suas discussões práticas, a autora do capítulo elege o gênero discursivo convite de casamento para ilustrar uma proposta didática, em que é evidenciado de que forma a dimensão extraverbal (tais quais o cronotopo, ideologias/valores/avaliações) pode ser aliada da dimensão verbo-visual (como a estrutura, linguagem/elementos linguísticos e construção visual) quando a questão é a “mudança” e não a “tradição” do ensino de língua materna na Educação Básica. Nesse sentido, ao trabalhar com um gênero aparentemente banal ou de pouco - ou nenhum - prestígio no cotidiano escolar, Lunardelli demonstra criatividade e grande aprofundamento teórico, relacionando a PAL com temas tão culturais e, por vezes, polêmicos, como família, religião, relacionamentos amorosos, etc., em prol de um ensino emancipatório, em termos freireanos.

Em síntese, a obra em tela se destaca por cumprir, com excelência, o seu objetivo ao reunir várias vozes, vinculadas a universidades de diferentes regiões do Brasil, em um amplo diálogo teórico-metodológico de estudos sobre a PAL/S. A clareza nas discussões e os aprofundamentos teóricos e analíticos levantados pelos autores, em cada um dos capítulos, dão uma nova roupagem às possibilidades de discussão e de trabalho com o tema, tanto em contextos de formação inicial de professores de língua como de formação continuada. Dessa forma, recomendamos a leitura e o “consumo” desse livro a todo estudante e profissional de Letras que queira e deseje, por quaisquer motivos, ampliar e/ou (re)pensar suas práticas de ensino a partir da compreensão da PAL/S como instrumento para a leitura e a inserção crítica no mundo e, por consequência, da linguagem humana como uma prática fundamentalmente social, situada, histórica e marcada no tempo e no espaço.